

O LUGAR DAS EXPRESSÕES ‘FIXAS’ NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS*

Elisabete Marques Ranchhod

DLGR** e LabEL-CAUTL/IST***

1. Considerações Prévias

Embora exista já uma importante bibliografia sobre expressões fixas, a noção de fixidez (‘figé’, em francês; ‘frozen’, em inglês) está ainda longe de ser consensual, tanto do ponto de vista analítico e conceptual como terminológico (Cf. G. Gross, 1996). A propósito da noção de expressão fixa, Gaatone (2000: 296) observa que a sua definição encontra muitas vezes obstáculos pelo simples facto de existirem já na literatura vários termos, em geral pré-teóricos, para as designar, o que pode levar à indesejável situação de se considerar que, se as expressões fixas não podem ser definidas por aplicação de um critério de análise único, então a noção não tem interesse linguístico.

Nas gramáticas do português (Cunha e Cintra, 1984; Mateus *et al.*, 1994), os termos usados para designar as categorias constituídas por sequências coesas de elementos lexicais parecem depender mais da parte do discurso a que dizem respeito do que do diferente comportamento linguístico dessas sequências. Assim, os advérbios, as preposições e as conjunções são referidos por ‘locuções’: adverbiais, prepositivas e conjuntivas (Cunha e Cintra, 1984: 540-541, 552 e 586, respectivamente; Mateus *et al.*, 1994: 206-207¹); para os substantivos e adjectivos, opta-se pelo termo ‘composto’ (Cunha e Cintra, 1984: 187-189 e 252-253; Mateus *et al.*, 1994: 185 e 203). O termo ‘locução verbal’ é ainda utilizado por Cunha e Cintra (1984: 393) para designar as sequências formadas por verbos auxiliares e verbos principais (no infinitivo, participio e gerúndio). Em Mateus *et al.* (1994: 285), refere-se em nota, a propósito da ‘*Complementação nominal*’, que as completivas infinitivas surgem integradas «em determinadas lexias ou locuções verbo-nominais». São

* Investigação parcialmente financiada pela FCT, no âmbito do Projecto ENLEX – *Enhancement of Large-scale Lexicons*. Ref. POSI/PLP/34729/99.

** Departamento de Linguística Geral e Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

*** Laboratório de Engenharia da Linguagem, Centro de Automática da UTL, Instituto Superior Técnico.

¹ Nesta gramática, as conjunções, simples e compostas, são designadas ‘conectores’.

exemplo dessas locuções, entre outros: *ter a alegria* (de), *ter conhecimento* (de), *ter* (a) *coragem* (de / para), *ter em conta*, ...».

Os autores de dicionários específicos (Cf. Nogueira Santos, 1990) utilizam a designação ‘expressão idiomática’ nos títulos das suas obras, embora, nas notas sobre a utilização desses léxicos (*ibidem*: ix-x), usem de forma indistinta os termos ‘expressão fixa’, ‘locução’, etc. A consulta desses dicionários leva à verificação imediata de que o termo ‘expressão idiomática’ recobre, de facto, diversos tipos de expressões linguísticas, desde provérbios a interjeições, sem que isso esteja explícito. Por exemplo, sob a «palavra-chave» *gato* (*ibidem*: 194), encontram-se, entre outros, *gato pingado*, *aqui há gato!*, *de noite todos os gatos são pardos*, *mais azedo que rabo de gato*, *comer/comprar gato por lebre*.

As divergências terminológicas e a ausência de critérios de análise adequados levaram a que as expressões fixas tenham sido consideradas como objectos linguísticos excepcionais, não integráveis na gramática das línguas, por não poderem ser objecto de regras gerais. A posição de Bechara (2001) é a este respeito esclarecedora. Este autor menciona as expressões idiomáticas na subsecção ‘Anomalias da Linguagem’ (2001: 603), definindo-as assim: «Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto». Acrescenta: «São idiotismos de nossa língua a expressão *é que*, o *infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc.».

Apesar de as expressões fixas terem sido relegadas pelos estudos gramaticais e sintácticos para uma zona de indefinição, tem-se assistido ultimamente a um crescente interesse por esses objectos linguísticos ‘anómalos’, sobretudo na área do processamento das línguas naturais. É que as formas fixas, isto é as sequências de elementos lexicais que não possuem as propriedades combinatórias que era suposto possuírem, são tão numerosas em qualquer tipo de texto, que não podem ser ignoradas.

2. Tipologia e Classificação de Expressões ‘Fixas’

Os métodos de análise e classificação de estruturas léxico-sintácticas, empreendida por M. Gross (1975, 1977, 1990), no quadro da elaboração de um léxico-gramática do francês — cujo objectivo é a descrição sistemática, formalizada e, tanto quanto possível, completa das línguas —, revelaram ser tão adequados na análise de estruturas sintácticas consideradas ‘livres’ como nos casos em que estão sujeitas a maiores restrições combinatórias. Essas

restrições são fundamentalmente de natureza lexical, uma vez que, salvo raras exceções (quantitativas), as estruturas sintácticas são formadas, numa e noutra situação por idênticas categorias gramaticais (M. Gross, 1982, 1989, 1990; G. Gross, 1988). Estes estudos mostraram ainda que estas expressões não são excepcionais, nem em relação à sintaxe nem em relação ao léxico, o que faz com que o papel atribuído a ambas as componentes tenha de ser reequacionado.

Para o português, utilizou-se a mesma metodologia de investigação para recensear e formalizar: (i) expressões nominais (Baptista, 1995), adverbiais (Ranchhod, 1991) e adjectivais (Carvalho, 2001) que, formadas por mais do que uma palavra, se comportam como uma unidade lexical; (ii) frases ‘fixas’ (Ranchhod, 1993), em que se observam restrições muito fortes entre um verbo e as várias posições sintácticas envolvidas, em geral, o(s) complemento(s); (iii) provérbios (Chacoto, 1995), em que, a par de uma interpretação específica, se podem observar certos ‘desvios’ sintácticos. Para o português do Brasil, foram também recenseadas, classificadas e formalizadas cerca de 3400 frases fixas (Vale, 2002).

Os dados referentes ao português europeu foram, conforme o seu estatuto linguístico, integrados nos dicionários e gramáticas electrónicos do LabEL, e são aplicados em processamento automático de texto pelos sistemas INTEX (Silberztein, 1993), UNITEX (Paumier, 2000) e DIGRAMA (Eleutério *et al.*, 1995).

Nas secções que se seguem, apresentaremos, em breve síntese, os principais critérios de análise e as classificações decorrentes da sua aplicação.

2.1. *Nomes Compostos*

Os nomes compostos constituem a parte mais numerosa do léxico nominal das línguas². Muitos pertencem ao vocabulário corrente, outros são termos técnicos e científicos, criados continuamente, ao ritmo do desenvolvimento tecnológico. Estas unidades lexicais são geralmente formadas a partir de palavras simples por meio de regras gerais de combinação de palavras. O seu significado é, na maior parte dos casos, não composicional. Expressões como: *efeito de estufa*, *fibra de vidro*, *golpe de teatro*, por um lado, *cordão umbilical*, *fibra óptica*, *via verde*, por outro, apresentam estruturas produtivas *N de N* e *N Adj*, respectivamente. Em alguns casos, contudo, os compostos apresentam estruturas

² Os dicionários de nomes compostos do LabEL, ainda incompletos, contêm cerca de 50.000 entradas; os nomes simples são cerca de 40.000.

heterogéneas, como acontece com: *quem de direito*, *maria-vai-com-as-outras*, *vitamina C*. A tradição gramatical e lexicográfica considera que os compostos deveriam ser ortografados com hífen, como *braço-de-ferro*, *café-concerto*, *cara-metade*, *bem-me-quer*, e, quando isso acontece, são tratados como entradas normais de dicionário³. Grafados ou não com hífen, ocorrem em distribuições tipicamente nominais, como os nomes simples *betão* ou *administração*, e ocupam as mesmas posições sintáticas destes:

- (1) *O tronco é fabricado em betão e fibra de vidro, enquanto os ramos e as folhas são de plástico*
- (2) *É uma questão que quem de direito deve resolver. A administração deve pronunciar-se sobre isto*

Em (1) *fibra de vidro* está integrado num complemento circunstancial; em (2) *quem de direito* ocupa a posição de sujeito.

Na identificação de nomes compostos, há que utilizar um conjunto de critérios linguísticos, que vão desde a verificação do comportamento morfológico (restrições sobre a flexão) dos seus constituintes até à verificação da sua, total ou parcial, perda de composicionalidade, lexical, sintáctica e semântica (G. Gross, 1988; J. Baptista, 1995, Ranchhod 2001). As classes mais representativas dos nomes compostos binários estão representadas na Fig. 1.

Classes	Estruturas	Exemplos
NA	Nome Adjectivo	via verde; batata-doce
NDN	Nome de Nome	efeito de estufa; braço-de-ferro
AN	Adjectivo Nome	falsa modéstia; mau-olhado
NPN	Nome Prep Nome	barco a remos; voto em branco
NPV	Nome Prep Verbo	canção de embalar; ferro de engomar
VN	Verbo Nome	coca-bichinhos; ganha-pão
PN	Preposição Nome	sem-abrigo; sob-roda
NN	Nome Nome	cara-metade; raio laser
NCN	Nome Conj Nome	saia e casaco; prós e contras
XX	---	habeas corpus; modus vivendi

Fig. 1: *Classes Formais de Nomes Compostos*

³ Nos textos, tanto literários como jornalísticos, é frequente encontrarem-se compostos com dupla grafia, como, por exemplo: *fim-de-semana* e *fim de semana*, *jardim-de-infância* e *jardim de infância*; *bom-tom* e *bom tom*, etc.

Os critérios de classificação baseiam-se na estrutura interna das unidades lexicais: *NA* (nome + adjetivo), *NDN* (nome + *de* + nome), etc., frequentemente relacionada com o comportamento morfológico do composto. Por exemplo, os compostos da classe *NA* (a mais numerosa) permitem, na maioria dos casos, a flexão de ambos os elementos (*via verde / vias verdes; batata-doce / batatas-doces*); a maior parte dos *NDN* só permitem a pluralização do primeiro nome (*efeito de estufa / efeitos de estufa; braço-de-ferro / braços-de-ferro*).

2.2. Advérbios Compostos

Os advérbios compostos (ou expressões adverbiais fixas ou advérbios idiomáticos) são o caso mais simples de formas compostas. Em muitos casos, trata-se de sequências de elementos lexicais que não podem ser alteradas nem permitem a substituição, redução, ou inserção de qualquer elemento. Ocupam as posições sintáticas características dos advérbios e complementos circunstanciais, e não são interpretáveis composicionalmente. Nas frases:

- (1) *O Zé fez isso a contragosto*
- (2) *O Zé expôs a questão de viva voz*
- (3) *O Zé contou isso à Ana tintim-por-tintim*

os constituintes *a contragosto*, *de viva voz* e *tintim-por-tintim* são adjunções facultativas às frases, comutam com (e têm o valor de) advérbios:

- (1') *O Zé fez isso (a contragosto + constrangidamente)*
- (2') *O Zé expôs a questão (de viva voz + pessoalmente)*
- (3') *O Zé contou isso à Ana (tintim-por-tintim, pormenorizadamente)*

Como se mencionou antes, são constituídos por sequências fixas de elementos lexicais que não permitem inserções⁴: **a grande contragosto*, reduções: **de voz*, **tintim*, comutações: **de viva presença*, ou alterações morfológicas: **de vivas vozes*. Do ponto de vista formal, são, na sua maioria, iniciados por uma preposição, que não pode ser separada do resto da sequência: não será possível encontrar *contragosto* e *viva voz* em contexto nominal, precedidos ou não de determinante, com o significado que têm em (1) e (2). *Tintim-por-*

⁴ Para uma análise mais pormenorizada dos advérbios compostos, nomeadamente dos que ocorrem em formas comparativas como: *ser surdo como uma porta*, *fumar como uma chaminé*, ver Ranchhod, 1991.

tintim é um exemplo de advérbio sem preposição, embora não possa, como os anteriores, ocupar posições nominais: **(O + esse) tintim-por-tintim*.

Por estas razões, há toda a vantagem em tratar estes advérbios, tanto de um ponto de vista estritamente linguístico, como computacional, como unidades lexicais⁵: não requerem qualquer lematização ou análise sintáctica para constituírem entradas de dicionário. O recenseamento feito em dicionários e em textos (neste caso, por processos semi-automáticos) levou à recolha, ainda incompleta, de cerca de 3500 advérbios, o que é já um número significativamente superior ao dos advérbios simples, cerca de 1500, incluindo os terminados em *-mente*. Os advérbios compostos foram classificados tendo em conta a sua constituição categorial (Fig. 2), embora a noção de categoria gramatical perca, nestes casos, grande parte da sua pertinência.

Classe	Estrutura	Exemplos
P-PADV	Adv	tão-somente
P-PC	Prep C	de rompante
P-PDETC	Prep Det C	à pressa
P-PAC	Prep Adj C	de bom grado
P-PCA	Prep C Adj	a olhos vistos
P-PCDC	Prep C de C	com pezinhos de lã
P-PCPC	Prep C Prep C	de alto a baixo
P-PCDN	Prep C de N	em matéria de N
P-PCPN	Prep C Prep N	no tocante a N
P-PCONJ	Prep C Conj C	contra ventos e marés
P-PV	Prep V W	a bem dizer
PACO	(Adj) como C	como uma porta
P-PVCO	(V) como C	como sopa no mel
P-PPCO	(V) como Prep C	como do dia para a noite
P-PJC	Conj C	e assim por diante
P-PF	F	sem tugir nem mugir

Fig. 2: *Classes Formais de Advérbios compostos*

Na Fig. 2, a notação *C* corresponde a uma sequência fixa de elementos (em geral, nomes), *W* representa uma construção livre; as restantes notações têm o valor habitual. A

⁵ Em relação a casos mais complexos, em que os advérbios incluem elementos co-referentes de grupos nominais livres (por exemplo: *por Poss conta e risco*), ver Ranchhod 2001.

descrição comparada dos advérbios do francês (para estes, ver M. Gross, 1990) e do português indica que a tipologia dos advérbios é idêntica nas duas línguas, pelo que, nos casos em que isso se verifica, a designação das várias classes de advérbios do português é precedida por *P*: *P-PADV*, *P-PC*, etc.

2.3. *Adjectivos Compostos*

Como já se referiu antes, todas as categorias gramaticais integram expressões compostas. Abordaremos nesta secção os adjectivos compostos com função predicativa, isto é, que entram em frases com a seguinte forma geral:

N_0 (*ser* + *estar*) *Adj* *W*

Na configuração, N_0 representa um grupo nominal sujeito; *Adj* corresponde a um adjectivo composto, que se encontra à direita de *ser* ou *estar*; *W* é uma variável que pode ou não ser preenchida por um complemento.

A estrutura interna destes adjectivos é variada, e pode ser complexa. Como acontece com todas as expressões não composicionais, observa-se uma fixidez total ou parcial entre os elementos constituintes. Os tipos mais frequentes são os seguintes⁶:

Adj Prep C =: *duro de ouvido, novo em folha, baço para espelho, cheio de nove horas*

Adv Adj =: *bem-parecido, mal-agradecido, meio-doido, muito visto*

Adj Conj Adj =: *certo e sabido, impávido e sereno, velho e relho, pobre e mal-agradecido*

Os adjectivos predicativos compostos determinam, como os simples, estruturas sintácticas características (M. Gross, 1989). Assim, foram integrados em classes sintácticas (Fig. 3), de acordo com os seguintes critérios principais:

- (i) Construção dos adjectivos com *ser* e *estar* ou apenas com um deles;
- (ii) Existência ou não de complementos livres;
- (iii) Aceitação de uma completiva na posição de sujeito e/ou complemento.

Nas matrizes, onde estão formalizadas as propriedades das frases que têm como elemento nuclear um destes adjectivos, estão descritas outras propriedades: possibilidade ou não de quantificar o adjectivo (incluindo a quantificação em grau), variantes aspectuais de *ser* e *estar*, natureza do sujeito, tipo de complemento, etc.

⁶ Não são aqui consideradas combinações produtivas do tipo: *luso-brasileiro, italo-americano, franco-alemão*, por um lado, ou *electro-magnético, léxico-sintáctico, socio-político*, por outro.

Classes	Estruturas	Exemplos
SA	N_0 <i>ser</i> Adj	O Zé é maior e vacinado
EA	N_0 <i>estar</i> Adj	O bife está mal-passado
SEA	N_0 (<i>ser + estar</i>) Adj	O Zé (é + está) doido varrido
QSA	(Que F) ₀ <i>ser</i> Adj	É certo e sabido que vai haver problemas
SAPN	N_0 <i>ser</i> Adj Prep N	A Ana é mal-empregada para o Zé
EAPN	N_0 <i>estar</i> Adj Prep N	O Zé está bem-visto junto do eleitorado

Fig. 3: *Classes Sintáticas de Adjectivos Compostos*

2.3. Frases ‘Fixas’

Adoptamos a designação de frase fixa para nos referirmos às estruturas frásicas em que existem fortes restrições lexicais e sintáticas entre um verbo e, pelo menos, um dos seus argumentos⁷. Trata-se de frases simples que, pertencendo a registos variados, possuem uma característica comum: contêm combinações *verbo-nome* que não são distribucionalmente produtivas nem são interpretáveis composicionalmente:

- (1) *O Zé esticou o pernil*
- (2) *O Zé salvou a honra do convento*
- (3) *O Zé meteu a mão na consciência*
- (4) *O Zé chamou a Ana à pedra*

As frases (1) a (4) têm uma estrutura sintáctica idêntica à das frases ‘livres’ (i.e. aquelas em que as várias posições sintáticas podem ser livremente preenchidas, desde que sejam respeitadas as restrições de selecção):

- N_0 V N_1 =: (5) *O Zé esticou (a perna + o braço)*
(6) *O Zé salvou o património da empresa*
- N_0 V N_1 Prep N_2 =: (7) *O Zé meteu a mão no bolso*
(8) *O Zé chamou a Ana ao gabinete*

Do mesmo modo que os verbos de (5) a (8) podem ser descritos e classificados tendo em conta o número e tipo de argumentos que seleccionam (representados nas configurações acima por N_i ordenados), também as frases (1) a (4) podem ser analisadas e classificadas

⁷ Maurice Gross (1984) sugere como terminologia alternativa ‘verbo composto’, tendo em conta as características destas expressões.

de acordo com a posição sintáctica dos grupos nominais ‘fixos’ em relação aos verbos. Nos exemplos (1) a (4), o sujeito é um *Nhum* variável; a fixidez observa-se entre os verbos e, pelo menos, um dos grupos nominais na posição de complemento. Esses grupos nominais são representados por C_i em configurações idênticas às das frases livres:

- $N_0 V C_1 =:$ (1) *O Zé esticou o pernil*
 $N_0 V (C \text{ de } C)_1 =:$ (2) *O Zé salvou a honra do convento*
 $N_0 V C_1 \text{ Prep } C_2 =:$ (3) *O Zé meteu a mão na consciência*
 $N_0 V N_1 \text{ Prep } C_2 =:$ (4) *O Zé chamou a Ana à pedra*

Além do sujeito (N_0), o verbo *chamar* tem, na posição de complemento directo, outro grupo nominal livre (representado por N_1 na configuração correspondente). Em (3), o verbo *meter* tem dois complementos ‘fixos’.

2.3.1. Variação e fixidez

Como os exemplos acima já indicavam, o sujeito das frases fixas é, em geral, livre. Os casos em que isso não se verifica são raros⁸:

O Senhor chamou o Zé à Sua presença

Neste exemplo, apenas o complemento directo, *o Zé*, pode comutar livremente com outro *Nhum*.

Os verbos apresentam um comportamento morfo-sintáctico idêntico ao que manifestam quando se constroem com grupos nominais livres. Assim:

- Variam em tempo-modo-pessoa-número, de acordo com as condições sintácticas em que se encontrem:

Um dia, o Senhor chamará o Zé à Sua presença

Quando ele esticar o pernil, vai haver problemas

O Zé salvará a honra do convento

Eles meteram a mão na consciência

É preciso chamar a Ana à pedra

- Podem ser precedidos por verbos auxiliares:

⁸ Apesar de já terem sido recolhidas e analisadas várias centenas de frases fixas (que não incluem as frases com verbo-suporte, como: *estar nos braços de Morfeu*, *estar em maré de azar*, etc), o recenseamento está ainda incompleto. Não é possível, por isso, fornecer valores quantitativos.

O Senhor há-de chamar o Zé à Sua presença

O Zé está a esticar o pernil

O Zé pode vir a salvar a honra do convento

Eles deveriam meter a mão na consciência

Teremos de chamar a Ana à pedra

- Entre eles e os complementos podem ser inseridos advérbios e incisos de vários tipos:

O Senhor chamar-nos-á a todos à Sua presença

O Zé esticou, finalmente, o pernil

O Zé salvou, como sempre, a honra do convento

O Zé meteu, por fim, a mão na consciência

O Zé chamou, mais uma vez, a Ana à pedra

Além disso, não é raro observam-se nestas expressões as mesmas possibilidades de aplicação de transformações. Vejamos, a título de exemplo, o comportamento dos exemplos acima, em relação à apassivação e à deslocação à esquerda do complemento directo:

[Apassivação] =: *O Zé foi chamado pelo Senhor à Sua presença*

**O pernil foi esticado pelo Zé*

A honra do convento foi salva pelo Zé

**A mão foi metida na consciência pelo Zé*

A Ana foi chamada à pedra pelo Zé

A impossibilidade de dar forma passiva a algumas destas frases está associada ao facto de existirem nelas relações de tipo co-referencial: a inaceitabilidade das frases marcadas com asterisco deve-se ao facto de o grupo nominal que ocupa a posição de complemento directo ter como núcleo um nome 'parte do corpo' do sujeito. Esta restrição também se observa nas frases livres (M. Gross, 1984):

O Zé partiu um braço

**Um braço foi partido pelo Zé*

A aceitabilidade de frases passivas como:

A Ana foi chamada pelo Zé ao seu gabinete

é algo duvidosa, devido à dificuldade em interpretar o referente do possessivo. Essa dificuldade não existe no primeiro exemplo (*O Zé foi chamado pelo Senhor à Sua presença*), uma vez que o possessivo só pode ser co-referente do sujeito.

A deslocação à esquerda do complemento directo dá resultados semelhantes aos anteriores.

O Zé, o Senhor chamou-o à Sua presença demasiado cedo

**O pernil, o Zé esticou-o inesperadamente*

?A honra do convento, o Zé conseguiu salvá-la mais uma vez

**A mão, o Zé meteu-a na consciência*

A Ana, o Zé teve novamente de a chamar à pedra

As expressões claramente inaceitáveis são aquelas em que o complemento directo não é distribucionalmente livre e em que existe uma relação de inalienabilidade entre ele e o sujeito do verbo.

Perante estas observações, é natural que nos interroguemos sobre o que haverá de excepcional neste tipo de construções e em que é que elas diferem das que são consideradas livres. Na verdade, do ponto de vista sintáctico, não há uma separação clara entre um e outro tipo de expressões. Há casos em que todos os constituintes são fixos entre si (provérbios e expressões aforísticas):

Uma desgraça nunca vem só

Os dados estão lançados

Na maioria das situações, contudo, o que há é algumas sequências de elementos lexicais ou de constituintes que são fixos entre si. Assim, para verificar o grau de fixidez de uma dada frase, os critérios que dão resultados mais satisfatórios são os que se baseiam na análise das distribuições nominais. Sempre que, numa dada posição nominal - N_i , não seja possível comutar quer o N , núcleo do grupo nominal, quer os seus determinantes e modificadores por outros elementos da mesma classe, pode considerar-se que a expressão é fixa. Além disso, também se pode tirar partido das intuições quanto à interpretação das expressões (que estão na base da designação ‘expressão idiomática’), sempre que elas sejam claras e bem reproduzíveis.

Retomemos alguns dos exemplos anteriores. Em:

O Zé esticou o pernil

o significado: *O Zé morreu*, é imprevisível se se atender ao significado de *esticar* e de *pernil*. De um ponto de vista léxico-sintáctico, não é possível comutar nem o verbo nem o nome *pernil*, sem que isso leve ou a uma total inaceitabilidade da frase ou a uma interpretação completamente diferente:

**O Zé (estendeu + afastou) o pernil*

O Zé esticou (a perna + o braço)

Aliás, *pernil* não se aplica à anatomia dos humanos, o que faz deste exemplo um caso particular. A maior parte das frases recenseadas não apresentam tais problemas⁹. A interpretação de:

O Zé salvou a honra do convento

‘*salvagar o prestígio de um grupo ou instituição*’, também não é dedutível a partir do conhecimento do significado individual de *salvar*, *honra* e *convento*. Com o mesmo valor, o verbo não comuta com outros que poderiam ser seus sinónimos:

≠ O Zé (salvaguardou + preservou) a honra do convento

Quanto a: *a honra do convento*, trata-se de um grupo nominal completamente fixo, em que a alteração de qualquer dos seus constituintes internos produz uma interpretação diferente ou resulta em inaceitabilidade:

≠ O Zé salvou a (reputação + dignidade) do convento

≠ O Zé salvou a honra (do mosteiro + da abadia)

≠ O Zé salvou a honra daquele convento

**O Zé salvou essa honra do convento*

Assim, no recenseamento das frases fixas, tiveram-se fundamentalmente em conta os seguintes factores: (i) as fortes restrições distribucionais que se observam entre os verbos e os grupos nominais que se encontram formalmente na posição de complemento (mais raramente na posição de sujeito); (ii) o facto de essas restrições bloquearem a aplicação às frases de algumas operações sintácticas que envolvem verbos e grupos nominais; e (iii) a interpretação não composicional das construções. As frases foram incluídas em classes sintácticas, de acordo com os princípios gerais utilizados na classificação dos verbos (Cf. 2.3.). Na Fig. 4, apresenta-se uma tabela com as classes até agora estabelecidas.

⁹ Noutras situações, nomes que não designam partes anatómicas humanas, podem, apesar disso, comutar com nomes parte do corpo humano: *Ele partiu (o focinho + as trombas + a cara + ...) ao Zé*, constituindo uma série de expressões equivalentes, que apenas diferem estilisticamente.

Classes	Estruturas	Exemplos
P VC0	C ₀ V W	O Senhor chamou o Zé à Sua presença
P VC1	N ₀ V C ₁ N ₀ V (C de C) ₁	O Zé perdeu a cabeça O Zé salvou a honra do convento
P VC2	N ₀ V (C de N) ₁	O Zé exige a cabeça dos culpados
P VC3	N ₀ V C ₁ a N ₁	O Zé deu carta-branca à Ana
P VC4	N ₀ V C ₁ Prep N ₂	O Zé passou uma esponja sobre o assunto
P VC5	N ₀ V Prep C ₁	O Zé rema contra a maré
P VC6	N ₀ V Prep (C de N) ₁	O Zé tocou na corda sensível da Ana
P VC7	N ₀ V N ₁ Prep C ₂	O Zé meteu a Ana num chinelo
P VC8	N ₀ V Prep C ₁ C ₂	O Zé fez das tripas coração
P VC9	N ₀ V C ₁ Prep C ₂	O Zé entregou a alma ao Criador
P VC10	N ₀ V Prep C ₁ Prep C ₂	A novidade voou de boca em boca
P VC11	N ₀ V que F Prep C ₂	Ele soube isso de fonte segura
P VC12	N ₀ V C ₁ Prep que F	O Zé reflecte duas vezes antes de falar
P VC13	N ₀ V C ₁ Prep C ₂ Prep N ₃	O Zé tirou as palavras da boca à Ana

Fig. 4: *Classes de Frases Fixas*

Algumas classes de frases fixas foram estudadas de forma sistemática para o português do Brasil (Vale, 2002). Os princípios de análise e de classificação são idênticos aos utilizados para o português europeu. Na Fig. 5, retirada de Vale (2002: 96), são apresentadas as classes estabelecidas, bem como o número de expressões que cada uma contém.

Tábuas	Estruturas	Exemplos	Efetivos
PB-C1	N ₀ V C ₁	Rui bateu as botas	1206
PB-CP1	N ₀ V Prep C ₁	Rui <u>entrou pelo cano</u>	660
PB-CDH	N ₀ V (C de Nhum) ₁	O filme <u>encheu o saco</u> de Rui	157
PB-CDN	N ₀ V C (de N) ₁	A notícia <u>acendeu o pavio</u> da crise	100
PB-C1PN	N ₀ V C ₁ Prep N	Ana <u>arrasta uma asa</u> por Rui	321
PB-CP1PN	N ₀ V Prep C ₁ Prep N	Rui <u>pisou no calo</u> de Ana	127
PB-CNP2	N ₀ V N Prep C ₂	Rui <u>colocou Ana para escanteio</u>	341
PB-C1P2	N ₀ V C ₁ Prep C ₂	O governo <u>pôs as cartas na mesa</u>	423
PB-CPP	N ₀ V Prep C ₁ Prep C ₂	Rui <u>mudou de água para o vinho</u>	90
PB-C1P2PN	N ₀ V C ₁ Prep C ₂ de N ₃	Rui <u>pôs lenha na fogueira</u> da CPI	124

Fig. 5: *Classes de Frases Fixas em Português do Brasil*

A observação dos exemplos das Figuras 4 e 5 indica que há muitas semelhanças entre as duas variedades do português, mas mostra também que existem algumas diferenças de natureza lexical e morfo-sintáctica, que será interessante estudar de um ponto de vista comparativo.

Referências

- Baptista, Jorge (1995), *Estabelecimento e formalização de classes de nomes compostos*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bechara, Evanildo (2001), *Moderna Gramática Portuguesa*, 37.^a edição, Revista e Ampliada, Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Carvalho, Paula (2001), *Gramáticas de resolução de ambiguidades resultantes da homografia de nomes e adjetivos*, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Cunha, Celso e L. F. Lindley Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Gaatone, David (1990), À quoi sert la notion d'«expression figée»? , *Bulag*, Lexique, Syntaxe et Sémantique. Mélanges offerts à Gaston Gross, Besançon: Pufc, Centre Lucien Tesnière (pp. 265 - 308).
- Gross, Gaston (1988), Degré de figement des noms composés, *Langages*, 90, Paris: Larousse.
- Gross, Gaston (1996), *Les expressions figées du français*, Paris: Ophrys.
- Gross, Maurice (1984), Une classification des phrases 'figées' du français. In P. Attal & C. Muller (eds.), *De la Syntaxe à la Pragmatique, Lingvisticae Investigationes Supplementa*, Vol. 8, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (pp. 141-180).
- Gross, Maurice (1989), Adjectifs composés. In *Hommages à Jean Stéfanini*, Universidade de Aix-en-Provence (pp. 211 - 234).
- Gross, Maurice (1990), *Grammaire transformationnelle du français. 3 - Syntaxe de l'adverbe*, Paris: ASSTRIL .
- Mateus, M. H. e A. M. Brito, I. Silva Duarte, I. Hub Faria (1994), *Gramática da Língua Portuguesa*, 4.^a edição, Lisboa: Caminho.
- Paumier Sébastien (2000), Nouvelles méthodes pour la recherche d'expressions dans de grands corpus. In A. Dister (ed.), *Actes des 3èmes Journées INTEX. Revue Informatique et Statistique dans les Sciences Humaines*, 36^{ème} année, n° 1 à 4.
- Ranchhod, Elisabete Marques (1991), Frozen Adverbs. Comparative Forms *como C* in Portuguese, *Lingvisticae Investigationes*, XV: 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (pp. 141-170).

- Ranchhod, Elisabete Marques (1993), *Expressões 'Fixas'. Questões Conceptuais e Terminológicas*, Materiais Bibliográficos elaborados no âmbito do mestrado em Linguística 'O Lugar das Expressões Fixas na Gramática do Português', FLUL (não publicados).
- Ranchhod, Elisabete Marques (2001), O Uso de Dicionários e de Autómatos Finitos na Representação Lexical das Línguas Naturais. In Ranchhod, Elisabete M. (org.) *Tratamento das Línguas por Computador. Uma Introdução à Linguística Computacional e suas Aplicações*, Lisboa: Caminho (pp. 13-47).
- Rodrigues Lapa, M. (1984), *Estilística da Língua Portuguesa*, 11ª edição revista, Coimbra: Coimbra Editora.
- Santos, António Nogueira (1990), *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Vale, Oto A. (2002), *Expressões Cristalizadas do português do Brasil: uma Proposta de Tipologia*, Tese de doutoramento, Araraquara: UNESP.